

# Cidades.

**Prova da  
OAB em  
debate**

Subprocurador-geral da República, Rodrigo Janot, aponta inconstitucionalidade na exigência de aprovação no exame da OAB para exercício da advocacia. **Página 9.**

EDITORA:  
CINTIA ALVES  
calves@redgazeta.com.br  
Tel.: 3321.8446

agazeta.com.br/cidades

cidadesAG

# PRECONCEITO QUEM DISSE QUE ELE NÃO EXISTE NO BRASIL?

Pesquisa mostra que cor da pele interfere na vida das pessoas

de **VILMARA FERNANDES**  
vfernandes@redgazeta.com.br

O bebê era encantador. A mãe mal continha a alegria ao segurá-lo pela primeira vez. Mas a emoção daquele momento foi marcada pela reação da enfermeira: "Seu filho é lindo, nem parece seu". Cláudia de Paulo tem a pele preta; e o pequeno Francisco, branca. O que aconteceu à família confirma o que 63% dos brasileiros já vivenciaram: a cor da pele influencia na vida.

O impacto é maior no trabalho, segundo apontaram 71% dos entrevistados em pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgada ontem. Feito em seis Estados, o estudo não inclui o Espírito Santo.

Na pesquisa, brasileiros apontaram que a cor e a raça interferem "na relação com a justiça ou a polícia", citada por 68,3% dos entrevistados. Para 65%, esses fatores também repercutem no convívio social; e para 59,3%, cor e raça influenciam na maneira de agir nas escolas.

## ORGULHO

Algo que Cláudia, hoje coordenadora da Associação Capixaba de Redução de Danos (Acard), conhece bem. Até os 15 anos, ela tinha vergonha de ser negra e odiava a escola. "Colégas me chamavam de fedorenta, de macaca". A situação mudou quando conheceu a cultura negra e seus direitos. "Tenho orgulho do que sou e é o que ensino a meu filho", frisa.

O preconceito contra cor e raça vai muito além das diferenças sociais e econômicas. Atinge empresários, aposentados, estudantes, pobres e ricos. "Só quem já vivenciou sabe o impacto de uma atitude racista em sua vida", assinala o juiz Willian Silva.

## CONTRA PAREDE

O advogado do Movimento Negro, Gilmar Martins, é outro que acumula relatos. Na adolescência, não faltaram ocasiões em que foi colocado contra a parede durante blitzes policiais. "Era sempre o suspeito", relata.

O pior, destaca Martins, é que nem sempre a pessoa discriminada consegue denunciar a violência de que foi vítima. Nas delegacias, assinala o jurista, na grande maioria das vezes os delegados optam por dar uma qualificação menor ao crime.

## INJÚRIA

São os casos em que a atitude preconceituosa é apontada como injúria qualificada. Embora haja a previsão de reclusão para quem cometeu o crime, é possível pagar fiança e sair da cadeia.

Já no crime de racismo não se aplica fiança. O acusado pode ficar detido até 3 anos, e a ação na Justiça é movida pelo Ministério Público; ao contrário da injúria, onde a pessoa tem que acionar um advogado. O que falta, pondera Martins, são os delegados se informarem melhor sobre a legislação.



Cláudia de Paulo, consciente dos seus direitos, orgulha-se do que é e educa o filho, Francisco, para que ele tenha o mesmo sentimento

RICARDO MEDEIROS

## ESTUDO DO IBGE

### Preconceito

#### ▼ Brasileiros

63,7% dos entrevistados acreditam que cor ou raça influenciam na vida

#### ▼ Mulheres e homens

66,8% delas dizem que a cor ou raça influencia, contra 60,2% deles

#### ▼ Jovens

67,8% dos jovens com idades dentre 25 e 39 anos, seguidos por pessoas na faixa etária de 15 a 24 anos (67,2%), também têm a mesma percepção

### Identificação

#### ▼ Entrevistados

96% afirmam saber a própria cor ou raça. As cinco categorias de classificação do IBGE (branca, preta, parda, amarela e indígena), além dos termos "morena" e "negra", foram utilizadas pelos entrevistados

#### ▼ Cor da pele

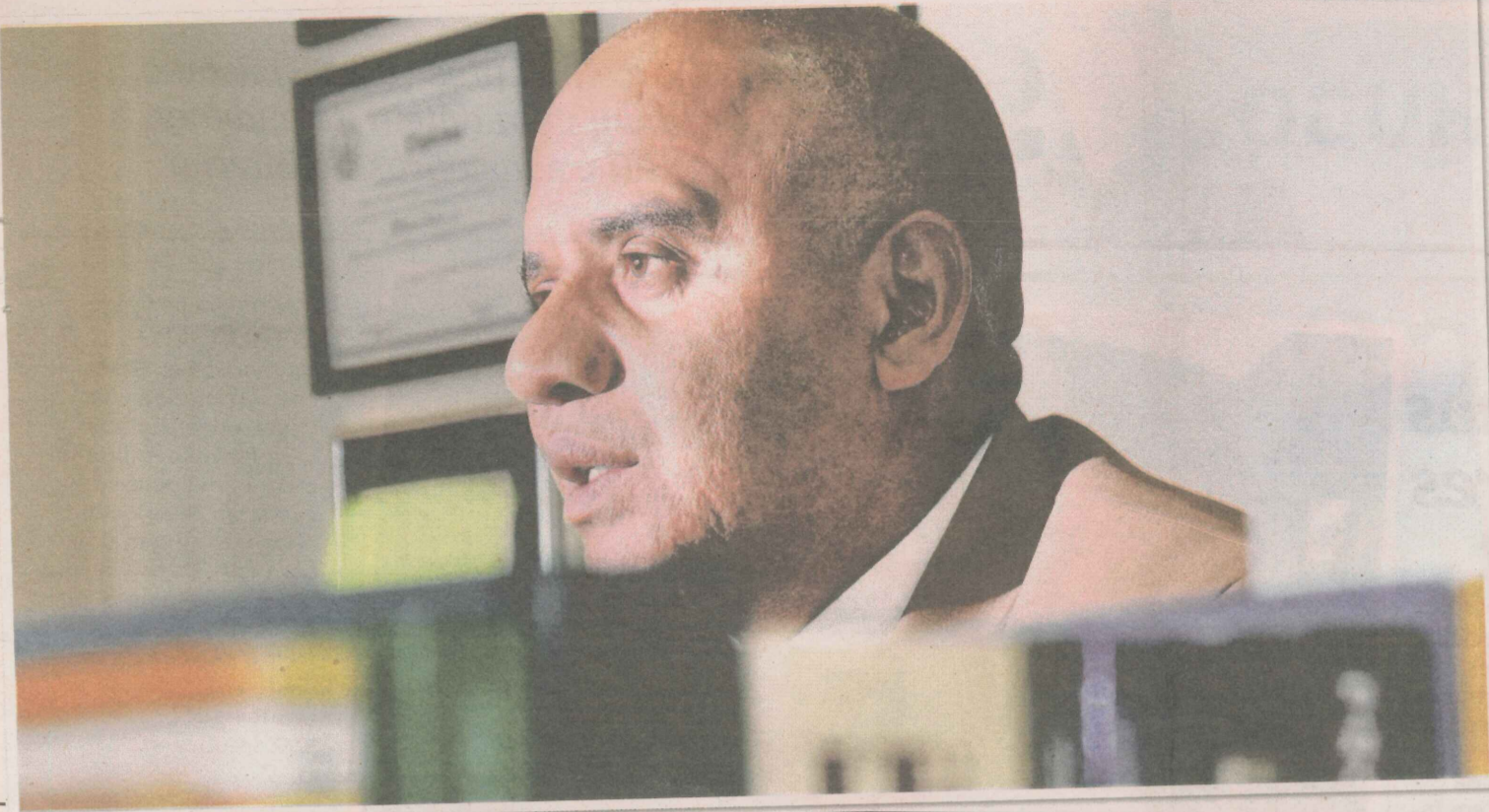
74% responderam ao IBGE que o fator preponderante para identificar sua cor ou raça é "a cor da pele".

#### ▼ Origem

62% dos entrevistados disseram que a origem familiar também é analisada; e, para 54%, traços físicos atuam na formação da raça

Fonte: IBGE





## Juiz sente racismo velado

▄ Ao ver Willian Silva, 55 anos, lavando o carro, uma senhora não teve dúvida: perguntou quanto ele cobrava pelo serviço. Na porta do fórum, foi confundido com um pastor evangélico. Mas Silva é juiz em Vitória, Estado que conta com menos de dez magistrados negros. Quando as pessoas descobrem, o racismo desaparece ou, como ele destaca, fica velado. “É desagradável”, define, destacando que até quando está com a neta, que tem olhos azuis, enfrenta o problema.

## Em Vitória, quatro denúncias por ano

▄ Nos últimos sete anos, a Gerência de Políticas de Promoção de Igualdade Racial de Vitória registrou 30 casos de racismo, uma média de quatro por ano. São situações motivadas pela discriminação no comércio e até no atendimento em hospitais. Mas o número de casos contabilizados não reflete a realidade, porque muitas pes-

soas não registram queixas nas delegacias.

São casos como o de um adolescente proibido de entrar num hipermercado, porque estava descalço; ou de uma mulher cujo filho foi proibido de brincar num espaço de diversão com o argumento de que o local estava fechado; ou da senhora que estava bebendo num bar

com as amigas e foi expulsada do lugar. Todos tinham em comum o fato de serem negros.

Segundo a gerente do setor, Vanda de Souza Vieira, são exemplos da “não aceitação de que o outro — no caso a pessoa discriminada — é um igual, que tem a mesma potencialidade e direitos”. Ela acrescenta que o preconceito cami-

nha com a pigmentação da pele. “Quanto mais preta, maior a discriminação”, explica ela. Um quadro que só vai se mudar com políticas que impeçam atitudes racistas.

Aos que vivenciarem essas situações, Vanda orienta que registrem um boletim de ocorrência. (Com informações de Brunelli Duarte)

## RANKING DO CENSO NO ESTADO

### Cor

Onde as pessoas mais se assumem como pretas

- ▼ Apicá - 16,39%
- ▼ C. da Barra - 16,03
- ▼ S. José Calçado - 15,07
- ▼ B. Jesus do Norte - 14,78
- ▼ São Mateus - 13,73
- ▼ Jaguaré - 12,53
- ▼ Pedro Canário - 11,26
- ▼ Muqui - 10,94
- ▼ Mimoso do Sul - 10,81
- ▼ Atilio Vivacqua - 10,77

### Raça

Onde há mais negros (pretos e pardos)

- ▼ Ecoporanga - 76,57
- ▼ Ponto Belo - 76,21
- ▼ Mucurici - 75,60
- ▼ C. da Barra - 75,40
- ▼ Pedro Canário - 74,12
- ▼ Pinheiros - 73,42
- ▼ São Mateus - 70,78
- ▼ Sooretama - 70,29
- ▼ Montanha - 70,01
- ▼ Mantenedópolis - 69,53

## TOLERÂNCIA

### “PESSOAS ATÉ ME OLHAVAM DE LADO”

Edna Rezende  
Manicure



FOTO: RICARDO MEDEIROS

### Embora sinta o preconceito, ela não se revolta

Uma das situações que mais marcaram a vida da manicure Edna Rezende, 33, envolveu sua filha, ainda criança. Apesar de sua pele preta, a menina nasceu branca, com olhos azuis, características herdadas de familiares. Uma vez, quando fa-

zia compras no supermercado, uma pessoa se encantou com a criança, parou para observá-la e questionou o que Edna ela era da menina. “Percebi que ela ficou espantada com a minha resposta. Sei que muitas pessoas olhavam de lado quando a gente saía na rua. O preconceito é nítido, mas procurei não ficar revoltada com esse tipo de situação”, diz.

## CONSTRANGIMENTO

### “ACHARAM QUE EU PODERIA ASSALTAR”

Angelo Dias  
Vendedor de picolé



FOTO: RICARDO MEDEIROS

### Nas ruas, ele lida diariamente com intolerância

O vendedor de picolé Angelo Miguel Dias, 55, sempre morou no Centro de Vitória. Nas horas de folga, passeia pelo local, e, numa dessas voltas, há cerca de dez anos, parou em frente a uma loja e olhou a vitrine. Logo percebeu que uma das

funcionárias do estabelecimento pediu para a outra fechar o caixa. E pior: um dos funcionários chegou a mexer em uma arma dentro da loja. “Fiquei constrangido com o preconceito. Acharam que eu poderia assaltar a loja. Mas fiz questão entrar e falar com o gerente sobre a situação. Toda semana alguém segura a bolsa na rua quando me vê.”

## PUBLICIDADE

### “A VISÃO É DE QUE NEGRO NÃO PODE ASCENDER”

Roberto Carlos  
Deputado estadual do Espírito Santo



FOTO: VICTOR RUBINI - 15/6/2011

### Parlamentar quer mais negros nos comerciais

O deputado estadual Roberto Carlos (PT) é professor e adora comprar livros. Mas é comum ser confundido com um vendedor nas livrarias. “É a visão de que o negro não pode ascender na sociedade”, destaca, acrescentando ainda que boa par-

te da população carcerária e dos moradores de rua é formada por negros e pobres. Por causa dessa realidade, um de seus projetos na Assembleia Legislativa do Espírito Santo propõe que as propagandas do governo respeitem a distribuição étnica. “Mais da metade da população do Estado é negra, mas nos comerciais só aparecem os brancos”, frisa ele.